

Apresentação

Comecei minha vida escolar envolvida sempre de algum modo com a arte. Quando de meu ingresso na escola fundamental, olhando as outras crianças dançando, cantando nos corais organizados para a Semana da Pátria. Lembro da minha participação no Coral das Cem Vozes, organizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas, em parceria com as escolas da cidade, para recepcionar o então presidente do Brasil, Gen. Ernesto Geisel. Ficávamos sentados em uma arquibancada em frente ao prédio da Prefeitura, isso me encantava, era prazeroso.

Sentia vontade de dançar, mas a distância entre o sonho e a realidade aumentava com o passar dos anos. No ensino médio a situação agravou-se, quando do meu ingresso em escola particular, onde a dança era para as meninas ricas, que podiam pagar as mensalidades e que faziam Balé Clássico desde a infância. Consolei-me com a guarda de honra da Banda Marcial, onde fui baliza, no tempo em que tinha flexibilidade. Os anos se passaram e participei do carnaval, como rainha de carnaval, passista e porta-bandeira, mas parei repentinamente para ser mãe, voltando a para o sonho.

A dança, apesar de distante de meu corpo, fazia-se presente em meu pensamento. No momento em que minhas filhas cresceram ingressaram em um Centro de Tradições Gaúchas como dançarinas, comecei a assistir todos os ensaios e eventos dos quais participavam. Foram sete anos de aprendizado por estar sempre atenta à cada orientação dada pelos coreógrafos, e no encanto que possuo pela dança, que, acredito permearam meu corpo através do olhar.

No final do ano de 2008, através da internet minha filha informou-me da criação do Curso de Dança Licenciatura na UFPel. Para mim era a possibilidade de concretizações; porém, ainda não estava no momento certo, precisava de um amadurecimento maior dos filhos, para que minha entrega ao curso pudesse ser sistemática e segura.

Dois anos após, inscrita por minha filha e completamente assustada por terem se passado 31 anos desde o último estudo, realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e coloquei tudo em prática. Atualmente, descobri que fiz a

escolha certa, sou feliz com a graduação que me abriu as portas para seguir rumo à possibilidade de levar a dança como profissão para minha vida futura.

Muitos momentos se tornaram inesquecíveis no Curso, o mais importante foi quando tive contato com a Dança Folclórica como educação e de ser vista como possibilidade de profissão. Quando conheci a Professora Carmen Anita Hoffmann em uma oficina de folclore durante a disciplina de Pedagogia da Dança, senti a importância de nos identificarmos com um caminho, uma técnica com um gênero pelo qual iremos nos firmar e que seja visto como nossa identidade enquanto docentes, enquanto bailarinos, então vi no folclore principalmente na dança tradicional gaúcha esta identificação, presente em minha vida há tanto tempo.

Lembrei de minha infância, de quando algumas escolas do município possuíam aulas de dança tradicional gaúcha, música, artes plásticas e dentro do currículo. Algumas modificaram seus currículos, deixando que a arte ficasse apenas reduzida às artes visuais e, ainda, que bem sintetizada nos desenhos e pinturas, deram subsídio ao surgimento dos Centros de Tradição, fundados por pais e professores destas escolas, limitando a dança aos poucos que dessa podiam participar; não se constituindo em um processo de inclusão.

Quando da construção de um aprendizado mais aprofundado sobre o folclore, ingressei no NUFOLK (Núcleo de Folclore da Universidade Federal de Pelotas), ampliei minha investigação e despertei ainda mais meus anseios de aprendizado com relação ao tema. A partir de então, ingressei no Centro de Tradições - CTG - Carreteiros do Sul para colocar em prática a dança que me fez sonhar e a qual me instiga e que tenho anseios de ampliar a pesquisa teórico-prática, constituindo-se em um dos meus objetivos profissionais.

Para a realização do Trabalho de Conclusão do Curso de Dança Licenciatura, escolhi como tema a dança tradicional gaúcha, tendo em vista a relação relatada anteriormente, e neste sentido, me envolvi durante vários meses com a Invernada Adulta do CTG Carreteiros do Sul para coletar o material necessário para a elaboração desse estudo.

1 Introdução

Quando nós alunos ingressamos no Curso de Dança, buscando a graduação, perpassamos por vários ritmos, técnicas, gêneros que despertam interesses que nos fazem enxergar alguns rumos para nossa identificação. Ao avançar a cada semestre nos envolvemos com algum gênero de dança, que nos acompanha desde antes de nosso ingresso na universidade, ou por algum que nos tocou sensivelmente durante o curso.

O folclore, expressão da cultura popular, dos saberes do povo, mais diretamente a dança folclórica e especialmente a tradicional gaúcha, acompanham essa minha trajetória. Atualmente, a possibilidade maior de trabalho tem sido junto aos grupos de dança e escolas as quais foram freqüentadas quando do estágio. Neste sentido surge a necessidade de ampliação do conhecimento das particularidades da dança folclórica. No presente estudo buscou-se direcionar o olhar, com o objetivo geral de investigar a dança tradicional gaúcha a partir da invernada adulta do CTG Carreiros do Sul. Para tanto, compreender a abordagem metodológica do processo criativo do grupo, investigar os fatores motivacionais que atraem os dançarinos, observar como acontece a prática das danças, mapear o repertório desenvolvido pelo grupo e analisar as relações interpessoais do e no grupo.

Este trabalho propõe um referencial teórico elaborado especialmente para a compreensão da temática. Parte, inicialmente, de um panorama sobre o folclore, significado, suas características e diversidades, suas possibilidades e importância na abordagem junto à educação, pauta do segundo momento deste referencial. Segundo Carvalho Neto (1981), o folclore como educação na escola é cultura do povo que retorna para a família e comunidade.

Além das danças, as brincadeiras folclóricas e demais atividades, como lendas, credices, contos, músicas, mitos, usos e costumes levados para a escola ampliam o conhecimento por parte do aluno, da sua cultura e oportuniza ao educando a possibilidade de criação a partir dessas iniciativas. Posteriormente, coloca o presente estudo a dança folclórica, suas nuances e possibilidades que se ampliam diante de uma dança que proporciona sensações diversas. Acredita-

se que a dança folclórica é registrada no corpo, passada de geração a geração, alegre, ensina, disciplina, resgata, traduz sentimentos.

Dentro do universo das danças optou-se por investigar e relatar sobre a dança tradicional gaúcha, tendo em vista que esta é uma vertente de dança codificada e legitimada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e, que demanda de todo um processo de estudos e ensaios. Por ser assim, necessita de muitas repetições para adquirir a qualidade necessária para ir à cena, bem como para participar de concursos promovidos pelo Movimento. Atualmente, as invernadas artísticas compõem ¹coreografias para entradas e saídas, nas quais a história do Rio Grande do Sul é contada, através da dança, com processo criativo amplo e não tão preso aos códigos presentes nas tradicionais. Em seguida apresenta e caracteriza a Invernada Adulta do CTG Carreiros do Sul, perpassando pelo seu histórico, repertório, principais atividades, o processo de suas criações para entradas e saídas, o repertório utilizado pelo grupo e as relações interpessoais que vão para além da prática da dança.

Para este estudo foram abordados conceitos com vários autores dentre eles: Carvalho Neto (1981), Dantas (1999), Côrtes e Lessa (1955), Côrtes (2000).

A metodologia utilizada caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com observação participante e estudo de caso, tendo como instrumento de análise, questionários estruturados para responder os objetivos propostos. Após a coleta, análise e discussão dos resultados sugeriram-se uma conclusão do recorte pretendido, conscientes da amplitude e da necessidade de aprofundamento do tema para futuras investigações.

¹Coreografias de Entrada e Saída: coreografias construídas para dar início e fim a apresentação dos grupos de dança tradicionais gaúchas, originadas nas poloneses.

2 Folclore

Neste capítulo, buscou-se explicar sobre folclore, sua significação, sua possibilidade de conexão no âmbito escolar e assim produzir uma reflexão e contextualizar a área onde a dança tradicional pode estar inserida.

De acordo com Horta (2004), a palavra derivada de folk (povo) e lore (saber), folclore significa “cultura do povo”, empregada pela primeira vez pelo inglês William John Thoms, em uma carta endereçada ao periódico Athenaeum de Londres, em 22 de Agosto de 1846, para designar o que até então se chamava genericamente de "antigüidades populares".

Denomina-se folclore o conjunto de modos de ser, fazer e sentir de um povo, no qual o conhecimento empírico alia-se ao conhecimento científico, para fundamentar as relações entre o passado e o presente, na consolidação desta construção para o futuro. Segundo Carneiro (2008), dentro da mesma sociedade os dois tipos de conhecimento, existem em mútua relação.

Possui o folclore características que o identificam, que o solidificam através dos tempos: o folclore é dinâmico, está em constante transformação, por ser fiel ao passado, fornece as bases para o presente e o futuro. Para Carneiro (2008), o folclore possui caráter funcional, por manter suas condições gerais, econômicas, sociais e políticas; é prática coletiva pertencente a um povo, mesmo que cada participante de determinado grupo detenha parte deste conhecimento; se mantém, solidificado através dos anos passando de geração para geração, mantendo-se no anonimato por não existir identificação de quem começou determinado fato ou feito folclórico; é espontâneo nascido da vontade do povo de se manifestar. Segundo Horta (2004), o folclore tem como característica também ser tradicional, por se incorporar ao saber do povo no passar do tempo.

Visto como um fenômeno social, por ser permeado por processos comuns, como afirma Carneiro (2008), identifica a cultura local pelo fato folclórico, que varia de acordo com cada região ao qual pertence, podendo se desintegrar e se recompor nesta variação. Os fatos folclóricos existem para explicar ações, são funcionais por podem ser explicados. Mesmo que involuntariamente, praticamos folclore o tempo todo, desde que nascemos, em atitudes que nos identificam com

nosso grupo social, nas mais variadas manifestações folclóricas, nas ações que herdamos da cultura do povo ao qual pertencemos.

Deve-se para tanto ressaltar que folclore é cultura vinda do povo, passada de geração á geração, reproduzida e estudada sem se saber de sua primeira vez. Tradicionalismo é movimento criado para manter uma cultura permeada por ações folclóricas, como no caso do churrasco e do chimarrão, e criadas a partir de dados oriundos do povo, mas codificados, portanto se sabe quem à criou, como é o caso das danças tradicionais gaúchas. Segundo Côrtes (2000), a cultura popular brasileira é um conjunto heterogêneo de atividades, de imensa riqueza e caráter multifacetado, estão diretamente relacionados ao modo de sentir, agir e pensar de um povo presentes em sua história. É comum a todos, ou seja, todos conhecem distinguindo-se do folclore por que nem tudo o que é popular é folclórico.

2.1 O Folclore e a Educação

O folclore como educação, que pode ser ensinado dentro da escola é, segundo Carvalho Neto (1981), estudado dentro de uma visão interdisciplinar. Relata não ser o professor um profissional de folclore ou pesquisador, apenas deve o professor encontrar o tipo de folclore com o qual deseja trabalhar, então com isso especializar-se dentro do conhecimento da ciência do folclore, absorvendo os fatos de cada região, ou país. Nesse conhecimento terá a teoria através do folclore geral e com o regional, os fatos folclóricos.

No momento em que o professor é desafiado a trabalhar o folclore na escola, deverá apropriar-se dos fatos, das diversas manifestações de folclore, mantendo-se atualizado para com isso conhecer as dinâmicas do folclore com o qual vai trabalhar, familiarizando-se com os autores e obras. Como educação pode esse ser informação e formação. Carvalho Neto (1981), relata que o folclore informativo, deve ser dosado segundo a idade dos alunos, trabalhado através da apresentação dos fatos folclóricos, mantendo-se este cuidado, que não se verifica com os adultos. No entanto afirma ser o formativo mais aplicado as crianças e adolescentes, como meio de conhecimento da cultura do povo, da comunidade a qual pertencem.

O folclore como educação, deve ser avaliado em conteúdo, ética e esteticamente, verificando que esse venha a trazer o conhecimento que identificará o professor como educador. Torna-se, portanto, extremamente importante um conhecimento do folclore e dos fatos folclóricos.

Quando a escola propõe a inserção do folclore, deve o professor entender esses fatos, selecionando aqueles que realmente venham a contemplar o que se pretende trabalhar, quais fatores e se deverão limitar-se à região nos quais está inserida a escola, ou ampliado para que interaja com outras disciplinas no conhecimento da arte, como forma total de aprendizado, na qual seus vários campos podem, em conjunto, fazer um trabalho ainda mais abrangente. Como no caso da dança e da música que possuem ampla possibilidade de manifestação, principalmente no Brasil.

Recentemente ao realizar estágios em escola formal e não formal, nas quais trabalhei com a dança e brincadeiras folclóricas teve âmbito mais direcionado para a iniciação, motivação e conscientização para uma possível inserção dessa prática nesses espaços. Segundo Carvalho Neto (1981), o folclore motivador é o mais rico, por alcançar vários tipos de aplicação do folclore, permitindo diversificação de atividades dentro da escola, como as brincadeiras, danças, contos e adivinhas, entre outras.

Ao trabalhar as brincadeiras folclóricas na escola, o professor auxilia os alunos no conhecimento como resgate de sua cultura, esses levam para a família e comunidade, retornando a escola como forma de aprendizado. Carvalho Neto (1981) refere-se ao uso do folclore confraternizador na escola que, no passado, foi promovido pela catequese e, atualmente, é promovido pela educação física e pelo tradicionalismo.

A educação física, segundo o mesmo autor, trabalha as danças folclóricas e os jogos folclóricos, ampliando estes à dança, porém ambos divertem, produzem momentos de prazer, favorecem o conhecimento de idéias e costumes de uma geração à outra. O tradicionalismo, que também é apontado pelo autor como pertencente ao folclore confraternizador, tem por objetivo o bem coletivo, através de ações que o povo pratica, apesar de ter a dança tradicional normas que a tornam uma dança permeada de códigos, porém levada até a escola, pode

ser aplicada de modo simplificado e de maneira a interagir com a história, entre outras disciplinas.

São fazeres pertinentes ao folclore: as lendas, parlendas, mitos, cantos, costumes, músicas, ritos, folguedos e danças entre outros. Fazem parte de um folclore rico, diversificado que marca cada região do Brasil, até mesmo dentro de cada uma destas regiões, a diversificação cultural ainda é imensa tornando questionável essa divisão por regiões.

Na intenção de dar maior ênfase a dança folclórica, com a qual já se trabalhou nas escolas, e que se acredita deva ser incentivada, como modo de educação do indivíduo através do conhecimento de suas raízes, partindo do que lhe é mais pertinente, instigando os alunos no entendimento da sua cultura. Assim, propõe-se um texto, no qual a dança terá uma breve reflexão, ressaltando algumas das tantas possibilidades que a compõem, para pensar a dança folclórica e na visão de Dantas (1999), Côrtes (2000) e Horta (2004), chegar ao conhecimento mais específico das danças tradicionais do Rio Grande do Sul.

2.2 A Dança Folclórica

Desde os primórdios da humanidade o homem dança, quer seja por preparação para a guerra, pela comemoração da vitória, pela caça bem sucedida, pelo modo de conquista do outro, ou por diversão, profissão, terapia, cuidado com o físico, conhecimento sobre este ou, ainda, como uma maneira de cultivar tradições e costumes de seu povo.

A dança folclórica é movimento registrado no corpo que se desperta através de sua prática, remete-se ao passado de cada povo, estimulando sentimentos, que atravessam os tempos. Pode a dança transpor esses sentimentos, de uma forma permeada por técnica.

O indivíduo que a pratica se relaciona com essas técnicas com prazer, identifica-se com sua cultura, se relaciona com a história, para compreender a origem de cada dança e, com isso, auxiliar o entendimento da complexidade dos seus passos (movimentos). Segundo Dantas (1999), o indivíduo se transforma através da dança, com sensações de encantamento, gerando sentimentos de prazer e de entusiasmo.

A dança folclórica pode ser realizada de várias maneiras. Pode ser ritualística, como relata Dantas (1999), quando é caracterizada pela sensação de êxtase, a obtenção de poderes não humanos e a identificação com os fenômenos da natureza. A religiosidade na dança folclórica também é permeada por sensações de encantamento. Os temas abordados nas danças folclóricas dizem respeito aos usos e costumes dos diferentes contextos e, portanto são de fácil assimilação de quem nele convive.

Considerando a prática dessa dança ressalta-se seu caráter disciplinador, educativo, da criança ao adulto. Dentro ou fora do ambiente escolar formal, a orientação educacional através do folclore busca a maior aceitação da dança neste contexto, seja por condição de gênero, como possibilidade artística ou como reconhecimento da cultura do povo. Como educação, a dança pode ter, também, a possibilidade de libertação de potencialidades, às vezes inexistentes em muitos ambientes por conta da necessidade de obtenção de disciplina, que acaba restringindo a movimentação. Não apenas a dança, mas a arte como um todo transforma o saber, levando o indivíduo ao fazer com prazer. Neste sentido Laban (1990) diz:

Quando estamos suficientemente comovidos e conseguimos uma autêntica expressão por meio da dança, começamos a derrubar as barreiras que foram erigidas por nosso estilo de vida e pela atmosfera mental em que crescemos (LABAN, 1990, p.128).

Quando vista como transdisciplinar, a dança perpassa por áreas da ciência e pela história, como no caso dos grupos tradicionalistas, que traduzem algum acontecimento histórico, oriundos de sua tradição. Rengel (2009) relata a relação do corpo com as ciências cognitivas, em diálogos deste com a dança e com seu ambiente. Com relação ao gênero, a dança folclórica é caracterizada por acontecer em sua maioria em casais, portanto com participação de ambos os sexos.

Na escola na qual estagiei, trabalhei com algumas danças folclóricas, e houve questionamentos pelos alunos com relação à presença do homem na dança e no caso, na folclórica. Verificou-se que, ao formar duplas, liberta-se o aluno desses estigmas relacionados ao relacionamento entre meninos e meninas. A dança pode vir a desconstruir, divertir, socializar, abstrair o seu participante dos preconceitos existentes na convivência em geral. Neste sentido verifica-se o

entusiasmo dos alunos que conseguem se aproximar e praticar a dança como atividade integrante dos seus cotidianos.

O corpo quando dança, traduz sua linguagem em movimentos que, através dessa, revelam sensualidade, dor, alegria entre outros sentimentos, falados e perpassados pela interpretação e que, dramatizados, traduzem uma história especial. Segundo Rengel (2009), a dança é uma linguagem codificada em muitas línguas, que propõem o corpo como transdisciplinar. Portanto, a dança neste sentido tem caráter expressivo, dialogando com o sentimento que o bailarino fala, com seu corpo, enquanto se movimenta.

Vista como possibilidade artística, a dança folclórica é de fácil aprendizado, por estar permeada da cultura do povo que a executa como se desta estivesse embrenhado. Neste sentido Dantas (1999), diz ser “a dança arte encarnada no corpo”. Dentro do universo da dança, encontra-se a necessidade de entender o bailarino, dentro de sua particularidade, para com isso elevar o nível de sua interpretação corporal no momento do espetáculo, em que a associação da música e letra com o movimento da dança, precisa ter conexão para que a interpretação transpareça na apresentação do bailarino, então o trabalho executado nos ensaios deve intensificar essa busca.

A dança folclórica gera emoção em seus participantes. Neste sentido Dantas (1999), diz que:

A dança é indício da arte no corpo porque mostra que ele é capaz de ser arte, enquanto corpo e movimento, encarnação artística. A dança é possibilidade de arte encarnada no corpo (DANTAS, 1999, p.25).

A arte através da dança, como inclusão do indivíduo no seu contexto social, pode ser um dos motivos para sua prática. Portanto, por meio desta, a integração passa a ser condutora de melhoria na sua qualidade de vida, que reverberará na comunidade, desta retornando ao indivíduo. Neste sentido Marques(2012)diz:

Antes de anteceder a um palco para fazer-se dança artística teatral, o movimento dançado foi primeiro transbordamento emotivo, manifestação desordenada dos temores, afetos, iras e recursos, sem outra organização que a imposta pela própria estrutura do corpo e sem outra particularidade, possivelmente, que uma apaixonada atração pelo ritmo. Logo passou a ser sucessivamente conjunto mágico, rito, cerimônia, celebração popular e por fim simples diversão (OSSONA, 1988, p.42).

A dança folclórica gaúcha quando coreografada é história contada, exprime sentimentos que o corpo relata nos versos da música e ser então interpretada. Esta é poesia da qual se orienta o bailarino para criar coreografias e que vão gerar movimentos poéticos. Como um todo no país, contam a história de cada região, neste sentido o fato ou o dado folclórico são a base desta poética que, segundo Dantas (1999), se entende por inspiração poética o ato de buscar em obras consagradas, indicações para construir uma obra própria.

Vale ressaltar a semiologia que identifica os signos, pertinentes a dança folclórica de cada região do país, constroem as coreografias baseadas na tradição de cada povo. Para Dantas (1999), essa dança é entendida como fala que permite aos intérpretes selecionar movimentos e que os trabalhos de projeção folclórica realizados por grupos de dança gaúcha, recorrem a semiologia para várias versões de uma mesma dança, mantendo uma estrutura básica.

A grande diversidade de danças brasileiras gerou dificuldade os locais onde essas ocorriam. Portanto, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) propôs a divisão do Brasil em regiões para facilitar, segundo Côrtes (2000), a compreensão e estudo sobre esse assunto. Neste sentido, são assim correlacionadas por região aliadas a caráter profano, sagrado, dramático, guerreiro ou teatral, oriundos das suas origens e da miscigenação do povo brasileiro. Côrtes (2000) em seu livro Dança Brasil, aborda essas danças de acordo com os aspectos culturais de cada região.

Segundo Ribeiro (2000), cada região brasileira traz em seu povo, o retrato da miscigenação, relata ser a norte formada pela mistura racial de índios e brancos, a nordeste de negros, índios e brancos, a sudeste de índios e brancos e a sul de negros, índios e brancos. Desta forma, pode-se relacionar algumas das danças folclóricas da seguinte maneira:

- Região Norte: traz em suas danças como principal característica a sensualidade, como exemplo temos Carimbó, Retumbão, Lundu da Ilha do Marajó entre outras;
- Região Nordeste: danças, em sua maioria, caracterizadas pela alegria como Frevo, Guerreiro, Xaxado, Caninha verde, Maracatu, Ciranda, Capoeira entre outras;
- Região Centro-oeste: a maior característica dessas danças é a miscigenação cultural, de grande intensidade devido a migração de brasileiros de outras

regiões, para os estados que a formam, da influência espanhola e de Paraguai e Bolívia, que fazem fronteira com a região. São exemplos de suas danças, Catira, Siriri, Engenho de Maromba entre outras;

- Região Sudeste: danças caracterizadas em grande parte como religiosas, por serem ligadas às festas regionais em homenagem aos santos de devoção, em sua maioria, padroeiros dos Estados que compõem essa região do país. Exemplo: Ticumbi, Tontinha, Congadas, Moçambique, Jongo, Folia de Reis entre outras.

- Região Sul: Tem no romantismo sua maior característica, traços herdados da cultura européia trazida pelos imigrantes. Pau de fitas, Balaio, Maçanico, Xará grande, Anu, Tonta, Recortado são alguns exemplos dessas danças.

Dantas (1999) relata as diferenças semiológicas entre as categorias de dança dando à folclórica caráter lúdico, apesar de guardar caráter mítico. Porém, vê-se que a dança tradicional gaúcha aproxima-se da estética do balé clássico. Por ter cuidado com a comunicação com o público. Talvez essa aproximação refira-se mais a dança tradicional gaúcha, por ter esta muito de sua origem nas danças européias.

2.3 Dança Tradicional Gaúcha

Para começar a falar sobre a dança tradicional gaúcha, vê-se a importância de falar sobre tradicionalismo e entender, mesmo que de maneira rápida sobre um assunto complexo e com pontos divergentes.

No ano de 1947, segundo Côrtes e Lessa (1975), esses estariam iniciando um movimento em torno das tradições gaúchas, integrado à cultura brasileira, que envolvesse todas as camadas sociais e segmentos étnicos, iniciado no Ginásio Júlio de Castilho, fundando para tanto, um Departamento de Tradições Gaúchas, no grêmio estudantil do mesmo. Em contrapartida, no ano de 1948 em reunião formal duas correntes distintas: a que defendia um movimento aberto, popular e a que limitava o movimento aos 35 sócios da época, tentava definir os rumos do movimento. Inicialmente deu-se por conta dessa reunião, que estava fundado o 1º CTG (Centro de Tradições Gaúchas) com o nome de 35 CTG, no qual as portas estariam sempre abertas para novos integrantes.

Continuando, vê-se que as contribuições oriundas do Congresso ao tradicionalismo, dão a esse um conceito inicial, segundo Lessa (1954):

Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica – mesmo que não se aperceba de tal finalidade – no sentido de reforçar o núcleo de sua cultura; graças ao que a sociedade adquire maior solidez e o indivíduo adquire maior tranqüilidade na vida-em-comum.... Para alcançar seus fins, o tradicionalismo serve-se do folclore, da sociologia, da Arte, da Literatura, do Esporte, da Recreação, etc. Tradicionalismo não se confunde, pois, com Folclore, Literatura, Teatro, etc. Tudo isso se constitui meios para que o tradicionalismo alcance seus fins. Não se deve confundir o tradicionalismo, que é um movimento, com o Folclore, a História, a Sociologia, etc. que são ciências. Não se deve confundir o folclorista com o tradicionalista: aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo (LESSA, 1954, p. 97 e 98).

O tradicionalismo surgiu com o objetivo de preservação da cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Lessa e Côrtes (1975), “O tradicionalismo constrói para o futuro”, neste sentido Lessa como um dos idealizadores do tradicionalismo não o via como retorno ao passado, mas sim como um trabalho de preservação cultural para o bom funcionamento da sociedade, através de ações que o povo pratica, deve ser um movimento popular, não somente intelectual.

No entanto segundo o MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), tradicionalismo é um movimento que busca conservar as boas coisas do passado através do culto e da vivência, como originalmente eram realizadas.

Em 1961, é redigida a Carta de Princípios de autoria de Glaucus Saraiva, 1º Patrão do CTG 35 (primeiro CTG do estado, criado em 1948), no VIII Congresso Tradicionalista, na qual pode ser encontrado em seus itens o conservadorismo existente no trabalho com o tradicionalismo no Rio Grande do Sul.

Nessa, ainda, estão listados objetivos que, se por um lado colaboram para a preservação cultural e histórica do Estado, por outro mantém a autenticidade dos antepassados, muito com normas conservadoras, que acabam por bloquear a liberdade de expressão, que faz parte do presente do povo.

Para dar prosseguimento a este estudo deve-se focar apenas no que se refere à manifestação presente na cultura do povo gaúcho, e que é vista como peculiar interpretada pelo peão (homem) e pela prenda (mulher), protagonistas das danças tradicionalistas do Rio Grande do Sul.

No ano de 1955, Lessa e Côrtes publicaram o 1º Manual de Danças Tradicionalistas, no qual relacionavam as danças, suas origens, os passos, os sapateios, os sarandeios, que podem ensinar as técnicas que norteiam essas danças. Esse Manual foi reeditado várias vezes pelos mesmos. Ainda no primeiro já diziam:

Este nosso manual está repleto de uma enormidade de detalhes que prejudicam o estilo e a rapidez de compreensão. Mas temos a esperança de que mais tarde – quando as danças que aqui apresentamos, por primeira vez, estiverem suficientemente divulgadas – possam outros estudiosos de nossas tradições elaborar um Manual mais simples (LESSA e CÔRTEES, 1955, s/n).

As danças eram separadas por grupos: danças de roda, de fila e as de formação livre (ou fandango). Quando da publicação de um novo Manual de Danças Tradicionalistas Gaúchas, pelo MTG (2010), foram divididos em ciclos coreográficos: Fandango, Minueto, Contradança e Pares Enlaçados.

²Gaúcho: O gaúcho, apesar de ser este termo dado ao homem rude, que roubava, violentava mulheres, que se vestia mal, não tinha morada certa. Atualmente é termo designado aos indivíduos nascidos no estado do Rio Grande do Sul, ou ainda aquele que cultiva a tradição gaúcha. Possui teatralidade e respeito a mulher, Santos cita Côrtes (1994), destacando a altivez do homem gaúcho, que entre tantas façanhas de lutas e rudez em sua expressão, possui semelhança monarca. Segundo Ribeiro (2000), o gaúcho surge com a miscigenação possuía etnia nascente, não era índio, negro ou branco, por isso marginalizado passou a trabalhar por comida ou local para pernoitar, levando o gado introduzido pelos espanhóis, de um para outro local. Quando passa a fixar-se em um único lugar, constitui família, passa a ser visto como o homem do sul, trazendo em sua bagagem cultural os frutos de sua mistura racial.

O Minueto significa passo miúdo. No Brasil surgiu como ciclo dotado de elegância com gestos comedidos e certa cerimônia. São danças deste ciclo:

- Chote Inglês, considerada deste ciclo por possuir a primeira e terceira figura coreográfica com características no minueto, porém a segunda figura tem característica no ciclo de pares enlaçados;
- Quero Mana, dança cerimoniosa de passos comedidos e revestida de medidas;
- Roseira, mesmo sendo minueto, caracterizada pelos passeios, possui entremeios de fandango, nos sapateios e sarandeiros, e de pares enlaçados no valsado.

O Fandango com galanteios e sapateios estridentes por parte dos homens e sarandeiros graciosos por parte das mulheres, com origem na Espanha, herdado dos árabes com influência açoriana. Era fortemente apreciado por todas as camadas sociais. No Brasil tornou-se mais apreciado no nordeste, em São Paulo e nos estados da região Sul, no Rio Grande do Sul chegou com os tropeiros e os açorianos, esse últimos adotaram o fandango, chegando a ser considerada dança nacional portuguesa. Considera-se que o fandango gaúcho é mesclado de sapateio estridente dos homens e com toque feminino dando a esta dança graciosidade e sedução. As danças do ciclo do fandango são:

- Anu, com sapateios e sarandeiros que á colocam no ciclo do fandango, porém possui características do minueto;
- Balaio, possui duas partes sendo a primeira do ciclo do fandango e outra no giro da roda;
- Chico sapateado ou Chiquinho, possui no sapateado características no ciclo do fandango e no valsado o ciclo de pares enlaçados;
- Chimarrita balão, tem nos sapateados e sarandeiros características que a identificam neste ciclo, porém os saltos de polca a identificam com o ciclo de pares enlaçados;
- Sarrabalho, apresenta também características de contradança;
- Tatu, também conhecida como tatu de castanholas foi criada pelo 35 CTG, primeiro a ser criado no Estado;
- Tatu de volta no meio, caracteriza-se pelo giro que a prenda dá, com uma das mãos unidas a uma das mãos do peão, giro que é interrompido no meio do verso, para que aconteça no sentido contrário, aparece como uma adaptação do tatu;

- Tirana do lenço, considerada deste ciclo pela presença de sapateios e sarandeios.

Originária da dança campestre inglesa que era de dois tipos: as danças circulares e as de fileira, a contradança é adotada pela corte de Luís XIV, como enriquecimento de repertório, utilizada para abertura dos bailes. Quando foi popularizada adquiriu o nome de quadrilha, chegando ao Brasil com a corte portuguesa agradando o povo, por ser livre alegre e descontraída. As danças identificadas com este ciclo são:

- Cana verde, de origem portuguesa e dançada em vários Estados brasileiros;
- Caranguejo, dança popular em todo o país, com o primeiro registro no Rio Grande do Sul em 1903 perdurando em cantigas de roda e brincadeiras infantis;
- Chimarrita, de origem açoriana, tem características na contradança pelos pares soltos;
- Maçanico, coloca-se neste ciclo pela vivacidade na sua execução;
- Meia canha, possui especial característica nas quadrinhas recitadas entre os dançarinos;
- Pau de fitas, de origem primitiva e considerada universal, na qual são realizados vários passos diferentes;
- Pezinho, de origem açoriana consiste em dança de pares independentes;
- Rilo, dança que apesar de ser deste ciclo possui passos de marcha.

A dança de pares enlaçados com o nome de “Volta” originou-se em Paris em 1536, considerada imoral pela corte europeia, venceu barreiras fazendo-se presente nos salões. São elas:

- Chote carreirinha, dança de pares independentes;
- Chote de sete voltas, possui a peculiaridade dos pares darem sete voltas, respeitando o raio de ação;
- Chote de Quatro passes, possui característica do ciclo de pares enlaçados e das contradanças;
- Havaneira marcada, dança de pares independentes;
- Rancheira de carreirinha, embora esta dança esteja dentro do ciclo de pares enlaçados, possui sapateios e sarandeios.

Componentes coreográficos das danças tradicionais gaúchas: Para avaliar os componentes coreográficos da dança tradicional gaúcha, percebe-se que as denominações são diferentes de outras técnicas, possui nomenclatura regional.

Para os movimentos dos dançarinos pode-se relacionar: passos com deslocamento para todos os lados e marcação na qual os passos não possuem deslocamento. A movimentação dos pés varia em: toda planta, meia planta, taco e ponta.

Quando os passos se alternam são chamados de marcha, se saltitados e rápidos são passos de terol. Quando compostos de batidas fortes chamado de terol sapateado. Se os pés não se alternam, apenas se separam e se juntam, são chamados de passos de juntar. Quando passos de valsa, compõem-se de uma série de passos de juntar. Os de rancheira são semelhantes aos de valsa acentuando o primeiro. O de recuo que se consiste em um afastamento um retorno de passos, ora com o pé esquerdo ora com o direito. O de polca corresponde a três movimentos e uma pausa. O passo de chote em três passos de marcha e uma pausa, possui ainda os movimentos: chote fundamental, balance, sapateados e sarandeiros.

Turmena (2008) cita Machado (2003), que diz que cada povo trouxe seus costumes, suas tradições, seus hábitos, seus aspectos culturais. E essa miscigenação é a base da construção do folclore gaúcho, caracterizando as primeiras danças gaúchas e a partir daí formaram-se as quatro gerações coreográficas para as danças de salão.

As danças tradicionais gaúchas possuem ou não sapateio. As que não possuem são: Caranguejo, Cana verde, Chimarrita, Chote de duas damas, Chote Quatro Passi, Maçanico, Pau-de-fitas, Pezinho, Quero-mana, Rancheira de Carreirinha, Chote Inglês, Chote das sete voltas, Chote Carreirinha e Rilo. As danças com sapateio são: Anu, Balaio, Chimarrita Balão, Roseira, Tatu com volta no meio, Tatu de Castanholas e Tirana. Todas essas danças tiveram origem, ou base, nas danças de fandangos realizadas tanto no Campo como na burguesia do Rio Grande do Sul.

Independentemente desses grupos de técnicas de danças, são construídas coreografias de entrada e saída (danças criadas a partir de estudo prévio com a intenção de com a entrada, apresentar o começo da apresentação encerrando

com a saída) nas quais existe um trabalho com entrelaçamento contemporâneo. As coreografias de entrada têm origem nas poloneses (não se inicia um baile sem uma dança, a qual assemelhava-se a uma quadrilha com os casais de braços dados), com isso uma história é contada e tem a saída que dá ou não, continuidade a esta história encerrando o baile. São essas coreografias que carregam as informações sobre o trabalho que um grupo constrói.

No momento de composição coreográfica para entradas e saídas, proporciona a inventabilidade, a criatividade de cada grupo, na intenção do reconhecimento do trabalho pelo público e por uma mesa julgadora, quando esses são levados aos concursos comuns aos festivais que ocorrem no Estado.

Os concursos chamados rodeios de danças tradicionalistas e inter regionais (Concurso que é realizado como eliminatória) têm como objetivo a preparação dos grupos para o maior concurso: o ENART. Para este existem critérios de avaliação conforme o Manual de Danças Tradicionalistas, que julgam: a harmonia de conjunto, para a qual o grupo deve ter sincronia de movimentos e sem erros individuais; a correção coreográfica na qual são avaliados os passos, sapateios e sarandeios segundo o Manual; interpretação artística também citada no Manual variando entre: alegre, de conquista e cerimoniosa.

Critérios diferenciados compõem a avaliação para entradas e saídas, são eles: criatividade, coerência com o tema escolhido, comprometimento com a tradição e o folclore gaúcho, adequação e valorização das influências étnicas e regionais. As pesquisas ocorrem na escolha de um tema, embasando as escolhas de indumentárias, coreografias e interpretação escolhidas para as danças tradicionais. A interpretação varia de acordo com o tema para entrada e saída, que estão geralmente de acordo com a identidade de cada grupo.

Encontra-se no investimento financeiro um dos maiores desafios para a composição destas coreografias. Geralmente ocorre um trabalho intenso anual, para que os recursos sejam destinados na confecção dos figurinos, pagamentos dos coreógrafos, despesas gerais de transporte e hospedagem dos envolvidos.

Na avaliação da qualidade técnica dos dançarinos e músicos, ocorrem muitos ensaios, nos quais as relações se entrelaçam entre dançarinos/coreógrafos, músicos/coreógrafos com o intuito de fomentar um trabalho que construa relações estreitas com o público e avaliadores dos concursos, como o

principal ENART, ou seja, quando da procura para combater os altos índices de analfabetismo no Brasil, foi criado o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) na década de 1970, no Rio Grande do Sul foi criada uma parceria com o MTG, para a valorização da Cultura do Sul Rio-grandense, com a criação do Festival Estadual do Mobral, ocorrendo anualmente em uma cidade diferente, sendo o primeiro em 1977 na cidade de Bento Gonçalves.

Posteriormente, a cidade de Farroupilha fixou-se como a sede anual e no ano de 1986 passou a ser chamado Fegart (Festival Gaúcho de Arte), ocorrendo neste município até 1996, no ano posterior passou a ser realizado na cidade de Santa Cruz do Sul com o nome de ENART (Encontro Nacional da Arte e Tradição).

Atualmente é considerado o maior festival amador de folclore e arte popular do mundo, reúne quarenta grupos, em torno de 25 mil participantes e um público estimado em 70 mil pessoas.

3 O grupo

3.1 Histórico

Fundado no ano de 1966, por alunos da então Escola Técnica de Pelotas atual IF-SUL, o CTG Carreiros do Sul constitui-se em um grupo extraclasse, do Departamento Cultural desta Instituição. Possui sua sede no interior do estacionamento do IF-Sul.

Divide-se em departamentos: cultural, artístico, esportivo e campeiro. O cultural volta-se para o conhecimento da história, geografia, tradição, tradicionalismo e folclore. O esportivo com o jogo de tavas, de truco cego, truco de amostra, tatarfe, campeiro e solo. O campeiro compreende as atividades do campo: o laço, a cura de terneiros, rédeas, gineteadas, vaca parada e pealo. A artística com as músicas, declamações e as danças.

Os grupos artísticos de dança são divididos por idade sendo mirim, juvenil, xirú e adulto além dos músicos, posteiros ou responsáveis pelos grupos e patrão ou diretor. O objeto desse estudo é o grupo adulto que possui 36 dançarinos e 2 coreógrafos, com idade superior a 17 anos e inferior a 32 anos, destes 17 mulheres e 19 homens. Todos possuem um tipo de envolvimento com o IF-SUL, seja como aluno, filho de ex-aluno, servidor da instituição ou ex-aluno que atualmente cursa outros cursos em alguma outra universidade.

São jovens alegres, que nos permitem ter um envolvimento prazeroso, facilitando um trabalho investigativo como esse. Possuem determinada organização nas tarefas que realizam, tanto com relação ao grupo, bem como junto ao CTG no momento em que os eventos são realizados. Para tanto, reúnem-se previamente para distribuição de tarefas direcionando o serviço, colocando as funções organizadas de acordo com a aptidão pessoal de cada um. Neste momento tudo é ocorrido de acordo com a finalidade de integração com os integrantes dos outros grupos, em perfeita união.

As reuniões também são realizadas pelo grupo, para começar o trabalho anual, são convocados: o Patrão do CTG Carreiros do Sul, os dançarinos, os posteiros (ou dirigentes do grupo, assim denominados), o coreógrafo atual e os músicos.

A cada ano é escolhido um novo tema para o trabalho a ser levado para os concursos anuais, em 2014 o tema é “Sina de Chico Carreiro”, em homenagem àqueles que deram nome a instituição a qual se vincula o grupo. Este tema foi pesquisado e está presente nas coreografias de entrada e saída, dando as danças tradicionais ligação com a identidade do grupo, ou seja, um modo campeiro de dançar.

3.2 O processo criativo: como o grupo compõe coreograficamente

Ao compor-se em dança, monta-se uma estrutura fixada em alicerces, que têm sua sustentabilidade, seguramente baseada em estudo prévio. Na dança tradicional gaúcha para entrada e saída não é diferente. O fortalecimento destas coreografias começa no tema gerador. É realizado um laboratório para análise das possibilidades de cada tema sugerido, para escolha de um único. Segundo Alves (2007), o laboratório é o que poderia chamar-se de esboço da coreografia, um projeto a espera de realização.

Geralmente, nas invernadas artísticas, é eleito o tema, e este é disponibilizado aos músicos para a composição musical especial para essas danças, ou a adaptação de uma já existente que se identifique com o tema sugerido.

Os dançarinos ou corpos sujeitos, embrenhados das movimentações técnicas das danças tradicionais, buscam desenvolver a expressividade cênica necessária para dar ênfase às coreografias a serem interpretadas. O coreógrafo da avaliação das possibilidades criativas e expressivas dos dançarinos, para a composição coreográfica, com novos movimentos agregados aos já existentes no repertório do grupo.

Segundo Ferraz (2014), o ato de criar em dança, leva a pensar o corpo de modo diferente, essa forma conduz ao estranhamento por estar desacomodando os formatos estéticos já existentes, dando a esse corpo novas possibilidades de movimentações através da dança. Relata ainda este que, essa coreografia constitui a dança cênica por ser produzida, pensada e ensaiada, pesquisada e criada para uma cena artística.

As danças para entrada e saída, constituem cenas, que vão contar uma história que, mesmo constituídas de gestos, movimentos e interpretações embrenhados das tradicionais, se constituem da liberdade de criação que vão dar ao dançarino, meios para conectá-lo ao público no momento da troca de conhecimentos sobre a história e temas em geral a serem vivenciados em dança.

3.3 Atividades artísticas e folclóricas

O Centro de Tradições Gaúchas Carreiros do Sul tem como característica principal, a união de todos os integrantes das invernadas, para a realização dos trabalhos, seja em prol de um ou outro grupo. Esses valores são passados de geração a geração, na busca de integrar os participantes e de favorecer o funcionamento social e político da entidade.



Figuras 1 e 2: Rodeio tradicionalista do CTG Carreiros do Sul, na cozinha onde todos trabalharam juntos integrados. Foto: Acervo pessoal da autora, 2014.



Figura 3: Dançarinos do grupo, trabalhando juntos na recepção de evento realizado no dia 12 de Novembro de 2014. Foto: Acervo pessoal da autora, 2014.

A cada mês é realizado um evento obrigatório em uma entidade tradicionalista, que fazem parte do chamado circuito de rodeios implantado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Para a participação em cada um destes, é organizada toda a movimentação dos grupos do CTG Carreiros do Sul, para que cada um desempenhe suas funções de modo satisfatório, em ambiente de união e respeito mútuo entre todos.



Figura 4: Momento de conversas, anterior aos ensaios. Foto: Acervo pessoal da autora, 2014.

Desde a organização dos figurinos, penteados, ensaios, deslocamento dos dançarinos são pensados em grupo, para que todos sejam auxiliados. Dançar é uma das artes desempenhada pelos integrantes dos grupos, porém, a dança mostra-se como a mais apreciada principalmente pelo grupo adulto.



Figuras 5 e 6: O grupo dançando “Anu”no ENART, 2014. Fotos: Acervo pessoal da autora, 2014.

Os músicos fazem parte de todos os grupos da instituição, compondo, tocando e interagindo com os outros integrantes do CTG Carreiros do Sul.



Figura 7: Os músicos e compositores, no ENART. Foto: Acervo pessoal da autora, 2014.

Os coreógrafos orientadores das formações das danças tradicionais, apesar de terem contato restrito com a internada adulta estando com essa apenas nos finais de semana, também trabalham em um clima de profissionalismo e amizade com os grupos.



Figura 8: Momento anterior a apresentação no ENART, integração dos coreógrafos com o grupo.
Foto: Acervo Pessoal da Autora, 2014.

A cada ano e de acordo o tema gerador para o trabalho artístico a ser realizado, é escolhido uma indumentária. Junto a essa é realizada uma pesquisa intensa que busca a aprovação do MTG, para a sua confecção. Para 2014, a indumentária para as dançarinas configura-se de: vestido, sapatilha tramada, bombachinha, meia, broche, brincos e flor nos cabelos.



Figura 9: Dançando a entrada com indumentária no ano de 2014. Foto: Acervo pessoal da autora, 2014

A masculina é composta de: calça, saia, casaco, camisa, chapéu, bota, cinto, faixa, lenço, guaiaca e esporas.



Figura 10: Dançando a entrada com indumentária para 2014. Foto: Acervo pessoal da autora, 2014.

4 Metodologia

A pesquisa partiu de um estudo bibliográfico, para explicar sobre folclore e suas implicações na educação, seja no ensino formal ou não formal, danças folclóricas e danças tradicionais gaúchas. Elegeu-se analisar a Invernada Adulta do CTG Carreiros do Sul, por ter uma trajetória de pesquisa e reconhecimento no meio tradicionalista e, também por estar inserida dentro de um departamento cultural de uma instituição de ensino.

Utilizou-se uma abordagem metodológica quali-quantitativa, na qual segundo Andrade (2009), visa não só verificar qualitativamente o tema, mas a obtenção de dados com resultado sistemático e utilização de quantidade. Para atingir os objetivos propostos, o trabalho consistiu-se inicialmente de explanação do trabalho a ser realizado, para com isso obter a autorização dos componentes do grupo, objetos dessa pesquisa. Autorização obtida seguiu-se de observação participante em estudo de caso, uma vez por semana em período compreendido entre os meses de agosto e novembro, durante os ensaios do grupo e suas atividades, ligados as atividades da instituição, inseriram-se fotografias do mesmo registrando dados, desde os ensaios até as apresentações, que deram base para a construção de questionário estruturado e aplicado por meio, respondido em dia e horário combinados por trinta dos trinta e seis dos integrantes do grupo, no local de ensaios, com a apresentação da Prof. Carmen Hoffmann que, explanou sobre a importância e legitimidade dos questionamentos apresentados.

Os questionários foram devidamente respondidos e analisados, questão por questão, com o cuidado para saber-se se com esse, foram atingidos os objetivos propostos na compreensão do principal objetivo que era a investigação da dança tradicionalista gaúcha através da Invernada Adulta do CTG Carreiros do Sul, conforme consta nesse trabalho.

5 Análise de dados

Com base nos objetivos especificados para este estudo, correlacionados com as observações realizadas e aplicação do questionário respondido por trinta dos trinta e seis dançarinos do grupo, pode-se apontar alguns dados:

1) Dança há quanto tempo?

Dos 36 dançarinos, 21 relataram dançar há mais de 5 anos, 9 dançam de 1 a 4 anos. Pode-se notar que se levando em conta a média de idade dos dançarinos, os mais experientes são os que têm também mais idade, e que praticam a dança tradicional desde o grupo mirim e juvenil.

Foi verificado durante as observações, que há pouco tempo ingressaram neste grupo alguns integrantes da internada juvenil, portanto com idade em torno de 17 anos, o que justifica o pouco tempo em dança, registrado por alguns dançarinos.

2) Quais as danças tradicionais que o grupo interpreta?

Todos os 36 dançarinos responderam que o grupo dança todas as danças tradicionais contidas no manual e em torno de 25, que apenas são revezadas para o ENART, colocadas separadas em blocos e ficam anualmente em 19 danças, acrescidas das coreografias para entrada e saída.

3) Qual a frequência dos ensaios?

Relataram em sua totalidade, que normalmente os ensaios são realizados três vezes na semana. No entanto quando da proximidade dos principais concursos, ensaiam diariamente. Durante as observações foi verificado que esses ensaios duram em média quatro horas.

4) Como é proposta a preparação corporal do grupo?

Nas respostas para esta pergunta, encontram-se uma diversidade que pode apontar a falta de uma preparação corporal sistemática, podendo ser o motivo das lesões e dores verificadas no grupo, durante as observações:

Dançarinos	Como é proposta a preparação corporal do grupo
1	É realizada pelos instrutores durante os ensaios
1	Ensam assim que chegam, sem alongamento
7	Nenhuma preparação

5	Fazem um alongamento antes
2	Fazem em ensaios separados, entre peões e prendas
8	Com ensaios frequentes para bom desempenho
4	Fazem musculação em academias
1	Boa preparação
1	Não responderam

5) Como é realizada a montagem das coreografias de entrada e saída?

Os dançarinos responderam que é contratado um coreógrafo de fora do grupo, específico para esse momento, é escolhido o tema e a música, que são passadas ao mesmo. Diante disso são organizados dois dias, nos quais é exigida muita dedicação e atenção, para o aprendizado das coreografias.

6) Como você vê sua relação com o grupo?

Durante as observações, verificou-se um grande envolvimento entre os estão sempre juntos, envolvem-se em conversas descontraídas, brincadeiras, trabalham unidos, orientam quando necessário uns aos outros, ficando portanto suas respostas diretas da seguinte maneira:

	Como você vê sua relação com o grupo
Ótima	21 dançarinos
Boa	9 dançarinos
Ruim	Nenhum

7) E com os coreógrafos?

Buscando entender, através de observações, como é realizado o trabalho de composição de coreografias, ressaltando a relação coreógrafo/ bailarino existente no grupo, verificou-se o entendimento semelhante entre professor e aluno, por estarem integrados para a busca de um resultado homogêneo e satisfatório para todos. Perguntados particularmente, sobre essa relação, responderam da seguinte maneira:

	E com os coreógrafos
Ótima	23 dançarinos
Boa	7 dançarinos
Ruim	Nenhum

8) Como você vê as relações do grupo com o restante dos participantes da instituição?

	Como você vê as relações do grupo c/o restante dos participantes da instituição
Ótima	8 dançarinos
Boa	22 bom
Ruim	Nenhum

Quando das observações, foi verificado um entendimento entre todos os integrantes dos grupos, mesmo quando a verba é destinada para um grupo em específico, como no caso dos eventos promovidos para estréia de pilchas (nome dado ao figurino usado, pelos participantes do tradicionalismo).

9) Como você vê as relações internas entre os participantes do grupo?

Percebe-se com este grupo, uma determinada tranquilidade nas relações, verificadas durante as observações. Possuem entendimento com relação a necessidade de união, em um momento em que o grupo precisa intensificar o trabalho a ser finalizado. Percebe-se também nas respostas abaixo colocadas:

	Como você vê as relações internas entre os participantes do grupo
Ótima	9 dançarinos
Boa	21 dançarinos
Ruim	Nenhum

10) Porque você pratica Dança Tradicional Gaúcha?

Devido ao recente ingresso de alguns dançarinos, sua colocação no grupo permite-lhes o conhecimento de novos amigos, que unidos aos mais antigos agregam-se e fazem dos encontros, uma reunião para estarem juntos.

A dança neste momento é vista como motivo de alegria e amizade. Sobre manterem-se saudáveis, poucos integrantes relataram ser este um dos motivos que os trazem ao grupo, isto se repete quanto ao gosto por receber medalhas e troféus e ainda competir para vencer. Esses pensamentos revelam motivos diferenciados apesar de o grupo participar dos concursos propostos pelo MTG, de realização mensal. No entanto o pequeno número de integrantes que afirma

gostar apenas de participar, sem se importar com a vitória, afirmam gostar de cultivar as tradições gaúchas, de conhecer a história do povo sul-rio-grandense, e de participar do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Estes últimos somando quase a totalidade dos integrantes.

Verifica-se que todos gostam da dança por um ou outro motivo, porém dois integrantes destacam-se por ter a dança como meio de socialização, ou seja, apenas como encontro com os amigos. A tabela abaixo, de múltipla escolha, mostra de maneira figurada os resultados para este momento da pesquisa:

Porque você pratica Dança Tradicionalista Gaúcha	Dançarinos	%
Para encontrar novos amigos	14	46,6%
Gosto de estar com meus amigos	21	70,0%
Para me manter saudável	10	33,3%
Gosto de receber medalhas e troféus	3	10,0%
Gosto de competir para vencer	7	23,3%
Gosto só de participar (a vitória não me importa)	7	23,3%
Gosto de participar do Movimento Tradicionalista Gaúcho	18	60,0%
Gosto de cultivar as tradições gaúchas	22	73,3%
Gosto de conhecer a história do povo gaúcho	18	60,0%
Outros motivos, quais?	7	23,3%

Os sete dançarinos que responderam ter outros motivos para a prática da Dança Tradicionalista Gaúcha, relataram que:

- “Por prazer, a dança sempre me faz esquecer os problemas”;
- “O ambiente do CTG: É um ambiente seguro, onde pretendo colocar meus filhos, por ser um local longe das drogas e más influências”;
- “Como cresci dançando, sinto-me bem somente em estar dançando”;
- “Para mim é uma atividade de lazer”;
- “Gosto, do que para mim dança é arte e é um prazer fazer parte dela”;
- “Profissão, hobby, lazer, competir em busca de uma melhora pessoal (não apenas troféus)”;
- “Pelo trabalho em grupo realizado, onde construímos um “Espírito de equipe”.

Pode-se com isso observar que, esses sete dançarinos, escolheram a Dança Tradicional Gaúcha por variados motivos, como lazer, profissão, pelo prazer aliado a prática da dança, por amor a essa arte, para integração social, pela participação de um ambiente que julga ser o ideal escolhido para o futuro.

6 Considerações Finais

Após a realização deste estudo pode-se considerar que, a dança tradicional gaúcha é um importante instrumento para o trabalho profissional da dança, dentro e fora do ambiente formal de ensino, por ser agradável e fazer parte da cultura do Rio Grande do Sul. O contato com o CTG Carreiros do Sul fez-me perceber que hoje estou ainda mais instigada a aprender e a pesquisar sobre este gênero de dança.

Foi longo o percurso transcorrido de observações para investigar esta arte, no entanto, prazeroso a cada dia a partir do momento em que as portas foram abertas, por parte do grupo, para a realização desse estudo. Observado como acontece a prática dessas danças verifiquei que, as tradicionais são coreografadas separadamente das composições para entrada e saída, começam a ser trabalhadas no início do ano, uma a uma, montadas e verificadas com relação ao dançarino, estilo do grupo e classificação da dança dentro do seu bloco. As coreografias restantes são montadas por coreógrafo terceirizado em um segundo momento do trabalho, partindo do tema para o ano vigente.

Neste sentido foi então mapeado o repertório do grupo, que se constitui por 25 danças tradicionais e duas coreografias para entrada e saída, organizadas e ensaiadas durante alguns meses, inicialmente três vezes por semana e nos últimos dias anteriores ao principal concurso, conforme já mencionado, diariamente com duração de quatro a cinco horas.

Compreendo a partir desse estudo, que assim como nas outras vertentes da dança, a tradicional gaúcha também faz a avaliação de seu trabalho pelo reconhecimento do público.

Ainda dentro dessa investigação, pude compreender a abordagem metodológica do processo criativo que se dá através da construção cuidadosa do tema a ser dançado, especialmente no que se refere às coreografias de entrada e saída. Adequando o tema ao estilo trazido pelo grupo, seguidos da composição dos repertórios musicais, que nesse ano de 2014 foi realizada pelos músicos do CTG Carreiros do Sul, contratação de coreógrafo especializado na montagem de composições para entradas e saídas, colocando-o a par do tema para que esse pudesse ser desenvolvido da melhor forma possível, a história a ser

contada. Posteriormente acontece a organização dos dançarinos para a melhor interpretação dos movimentos criados para o trabalho do grupo.

Ao serem investigados os fatores motivacionais que atraem os dançarinos do grupo, foi possível notar que são os mais variados motivos, porém, foi ressaltado o grande interesse pelo cultivo das tradições gaúchas, através do conhecimento da história e para tanto participar do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Através das observações, realizadas participando diretamente com os grupos em eventos, rodeios e até mesmo do ENART, analisando o que penso ser as relações do grupo com o restante dos integrantes da instituição, verifiquei que devido ao que já faz parte da identidade desse CTG, estabelecem os dançarinos da Invernada adulta, um relacionamento de amizade e companheirismo.

As relações dentro do grupo são fortalecidas pela colaboração, durante os ensaios, quando uns auxiliam os outros, no aprendizado das danças, fortificando com isso as bases do próprio grupo, que vão para além dos momentos em que se encontram envolvidos apenas com o esse, atingindo seus momentos de lazer, por ser um grupo formado por dançarinos em sua maioria muito jovens, mas também por alguns serem casais.

Considero terem sido alcançados os objetivos para a investigação proposta para este estudo, que visava entender a dança tradicional gaúcha através da Invernada Adulta do CTG Carreiros do Sul, obtendo importantes contribuições para que novos trabalhos neste sentido possam ser vistos no meio acadêmico da dança.

Concluo este estudo ressaltando a imensa satisfação pelo trabalho realizado, lembrando a intenção de trabalhar profissionalmente com a dança tradicional gaúcha, tanto nos grupos dos Centros de Tradições, principalmente no CTG Carreiros do Sul, como levar essa prática de dança para as escolas, como caminho para o aprendizado, não de uma dança codificada apenas, mas com enfoque na história, socialização e educação através da cultura tradicional Sul-Rio-Grandense.

Lista de Siglas

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

ENART – Encontro Nacional da Arte e Tradição

ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio

FEGART – Festival Gaúcho da Arte e Tradição

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

NUFOLK – Núcleo de Folclore da Universidade Federal de Pelotas

UFPEL– Universidade Federal de Pelotas

Referências

ALMEIDA, Alex Sander Silveira de. **Entre o artístico e o terapêutico**: Um olhar sobre o grupo Kiriann teatro de dança. UFPEL, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

ALVES, Flávio Soares. **Composição coreográfica**: traços furtivos de dança (EEFE/USP), 2007.

ANAIS DO IF-SUL Campus Pelotas encontrado em:
Pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?searchword=Atividades+cultura&ordering=&searchphrase=all&Itemid=1&option=com-search
Acessado em: 30 de Jun. de 2014.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos científicos na graduação/Maria Margarida Andrade. – 9 ed. – 2 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

CARNEIRO, Edison, 1912-1972. **Dinâmica do folclore**/Edison Carneiro; apresentação e notas Raul Lody. – 3ªed.- São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008 – (Raízes).

CARVALHO NETO, Paulo de. **Folclore e educação**/Paulo de Carvalho Neto. – Rio de Janeiro: Ed.Forense- Universitária: Salamandra; São Paulo Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1981.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil**: festas e danças populares/Gustavo Pereira Côrtes. – Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Danças e Andanças** da Tradição Gaúcha. João Carlos Paixão Côrtes e Luiz Carlos Barbosa Lessa. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Manual de danças tradicionalistas**. Porto Alegre: 1955.

DANTAS, Mônica. **Dança**: o enigma do movimento/Mônica Dantas. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

FERRAZ, Wagner. **Educação de um corpo**: dançar, movimentar e pensar. Wagner Ferraz, UFRGS, 2014.

HOFFMANN, Carmen Anita. **Significado do Folclore para Cruz Alta e sua importância na educação escolar**. UNICRUZ, Universidade de Cruz Alta, 1997.

HORTA, Carlos Felipe de Mello Marques. **O Grande Livro do Folclore**. O Grande Livro do Folclore/Carlos Felipe de Mello Marques Horta (Coord.). Belo Horizonte: Editora Leitura, 2004.

LABAN, Rudolf, 1879-1958. **Dança Educativa Moderna** / R. Laban; (tradução Maria da Conceição Parayba Campos). – São Paulo: Ícone. 1990.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **O Sentido e o Valor do Tradicionalismo**.1954 (Tese de Mestrado). Disponível em: <mtg.org.br>
Acessado em: 25 de março de 2014.

MACHADO, Diego Gonçalves. **Os motivos que levam as pessoas à prática da dança folclórica gaúcha nas internadas artísticas dos CTGs da 1ª RT**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

MARQUES, Isabel A. **Arte em questão** / Isabel A. Marques e Fábio Brazil. São Paulo: Digitexto, 2012.

OSSONA, Paulina. **A educação pela dança** / Paulina Ossona [tradução: Norberto Abreu e Silva Neto]. – São Paulo: Summus, 1988.

OURIQUE, Alexandre. **Danças Tradicionais**/Alexandre Ourique, Beloni Bastos da Silva, Francisco Jacques de Mattos, Jefferson Camilo, Moacir Gomes dos Santos, Marco Aurélio Machado Ávila, Rinaldo Souto Oliveira e Toni Sidi Pereira. 3.ed. ver. E ampl. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2010.

RENGEL, Lenira Peral. **Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica**. R./FAP, Curitiba, v.4, n.1 p.1 – 19, jan./jun. 2009.

RIBEIRO, Darci. **Documentário: O Povo Brasileiro**. Fundação Darci Ribeiro: Brasil, 2000.

TURMENA, Daniele. **“O centauro dos vacarias mães amantes guerreiras”**, características das coreografias de entrada e saída do grupo vencedor do ENART 2008. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

Apêndices

Apêndice nº1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Prezados amigos, peço-lhes que respondam a esses questionamentos, que vão contribuir na concretização do trabalho intitulado Dança Tradicional Gaúcha: Um olhar sobre a Invernada Adulta do CTG Carreiros do Sul

As respostas fornecidas serão analisadas e discutidas, sem para tanto apresentar os nomes das fontes

- 1- Dança há quanto tempo?
- 2- Quais as danças tradicionais que o grupo interpreta?
- 3- Qual a frequência dos ensaios?
- 4- Como é proposta a preparação corporal do grupo?
- 5- Como é realizada a montagem das coreografias de entrada e saída?
- 6- Como você vê sua relação com o grupo:
 ótima
 boa
 ruim
- 7- E com os coreógrafos:
 ótima, aceito suas correções;
 boa, aceito suas correções, porém gostaria de melhorar;
 ruim, apenas profissional.
- 8- Como você vê as relações do grupo com o restante dos participantes da instituição:

ótimo

bom

ruim

9- Como você vê as relações internas entre os participantes do grupo:

ótima, bom, ruim

10- Porque você pratica Dança tradicionalista gaúcha:

Para encontrar novos amigos;

Gosto de estar com meus amigos:

Para me manter saudável;

Gosto de receber medalhas e troféus;

Gosto de competir para vencer;

Gosto só de participar (a vitória não me interessa);

Gosto de participar do Movimento tradicionalista gaúcho

Gosto de cultivar as tradições gaúchas;

Gosto de conhecer a história do povo gaúcho;

outros motivos, quais?.....

.....

A você meu agradecimento, Sandra Dias da Silva

ANEXOS

Anexo nº 1

8
 Novembro de 2014

Especial do

ENART

00-18701

Eco da Tradição

CTG Carreiros do Sul - Pelotas - 26ª RT

"A sina de Chico Carreiro"

A temática do CTG Carreiros do Sul é embalada pelas composições musicais de Alex Moreira, Vinicius Camargo e Flávio Mendez.

A coreografia de entrada é uma criação dos coreógrafos Gilmar Caetano Rocha e Gabriel Paez, mesclando dança e teatro para contar a história de "Chico" e sua carreta. Um carreiro que seguia sua sina de andejar sozinho até o dia que encontrou uma prenda com quem resolveu formar família. Quando descobriu que sua amada estava grávida, foi convocado para carregar armas e documentos durante a Revolução, e a viagem que prometia ser curta, durou meses. Ao voltar para o rancho,

sua esposa estava prestes a ganhar seu filho. Percebendo que as coisas não iam bem tentou, em vão, salvá-la, ficando sozinho com seu filho recém-nascido.

A coreografia de saída é uma criação de Diego Gouvêa que também mescla dança e teatro. Além da carreta, palas são utilizados como acessórios para dar continuidade à história. Anos após, o filho já crescido, o ajudava na lida quando em uma emboscada, tentou defender sua carreta de saques e com um tiro lhe tiraram a vida. No final Chico ora a Deus, pedindo que lhe leve para junto dos seus, e vai seguindo seu destino, cumprindo a sina carreira de andejar solito.

Estória da "Sina de Chico Carreiro"

Chico era um carreiro que seguia sua sina de andejar sozinho conhecendo cada canto desta pampa até o dia que encontrou uma prenda, moça de família de comerciantes das redondezas de Pelotas, com quem resolveu formar família. Montaram seu rancho, passaram a cuidar da terra e trabalhar com o comércio firmando-se naquele lugar. Quando descobriu que sua amada estava grávida, em meio a muita felicidade, foi convocado pelo capitão para carregar armas e documentos em uma missão durante a Revolução Farroupilha em uma viagem que prometia ser curta. O desenrolar desta missão durou meses e ao voltar para

rancho, sua esposa estava prestes a dar luz ao seu filho. Em meio as dores do parto, percebeu complicações e tentou levá-la até a cidade a fim de salvá-la, o que foi em vão, ainda em sua carreta, minutos depois do parto sua amada morreu, ficando sozinho com seu menino recém-nascido.

Anos após, já velho, Chico recebia o apoio do filho já crescido na lida e na companhia do dia-a-dia. Certa feita caíram em uma emboscada, e Chiquinho inexperiente, porém muito valente, tentou defender sua carreta e a carga de saques. Mas com um tiro lhe tiraram a vida quando o pai foi defendê-lo. Assim, Chico ora pedindo a Deus que lhe leve pra junto dos seus, enquanto vai seguindo seu destino de andejar solito.

Anexo nº 2

Anexo 3

Anexo nº 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
IFSUL Campus Pelotas
REDITEC - Reunião dos Diretores de Ensino Técnico



Dança Tradicional Gaúcha: Um olhar sobre a Invernada Adulta do CTG Carreiros do Sul

Carmen Anita Hoffmann¹
Sandra Dias da Silva²

Introdução

- A Invernada Adulta do Centro de Tradições Gaúchas Carreiros do Sul cultua a tradição sul-rio-grandense através de manifestações artísticas expressas na dança. O grupo é composto por 36 dançarinos, dentre estes, alguns são alunos do IFSUL (Instituto Federal Sul rio-grandense-Campus Pelotas), outros da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) e, ainda, de outras entidades de ensino do município de Pelotas.

Objetivo Geral

Apresentar as características e qualidades que constituem as manifestações de dança tradicional pela Invernada Adulta do CTG Carreiros do Sul

Objetivos Específicos

- Apresentar o Grupo;
- Explicar sobre sua importância cultural;
- Mapear o repertório desenvolvido pela Invernada

Metodologia

A pesquisa tem caráter exploratório-qualitativo, viabilizada através da observação direta, registros de pesquisa de campo, aplicação de questionário estruturado, cotejados de uma contextualização descritiva de conceitos e de material do acervo do grupo.



Danças Tradicionais Gaúchas

São aquelas reconhecidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), difundidas nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e que se constituem em danças de influência europeia, onde o peão (homem) e a prenda (mulher) dançam em pares independentes ou entrelaçados. Algumas das danças têm sapateio que, enquanto o homem o executa, a mulher sarandeia. As danças tradicionais ou tradicionalistas retratam de questões do coração, da natureza, dos folguedos, dos usos, dos costumes, com ritmos que são acompanhados geralmente por um cantor, por um violão e por uma gaita. Entre elas destacam-se o pezinho, o maçanico, cana verde, a chimarrita, a tirana do lenço, o tatu, o anu, o balão, entre outras. Atualmente é permitido que se criem coreografias próprias para a entrada e saídas, para além do repertório das danças tradicionais.

A Invernada

É formada por 36 dançarinos entre 17 e 31 anos, que ensaiam sistematicamente e buscam agregar coreografias de profissionais qualificados dentro do contexto tradicionalista. Participam de eventos de dança ligados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, concursos, seminários, rodeios, ENART (Encontro da Arte e Tradição), entre outros.

Conclusão

O grupo desenvolve um trabalho preconizado pela normativa do MTG, de perpetuar as tradições através das danças às quais dedicam um grande período de seus cotidianos e são motivados por diversos fatores como: gosto pela tradição, o convívio com o grupo, o prazer de realizar um trabalho de qualidade, a valorização pessoal e interpessoal, o desenvolvimento da autoestima, o contato com a arte, entre outros. O resultado artístico do grupo serve de modelo e incentivo aos outros grupos do próprio CTG e ultrapassa as questões da arte, desencadeando a aplicação e compreensão em suas múltiplas dimensões, podendo ser apreciado em diversas instâncias culturais e educacionais.

Referências

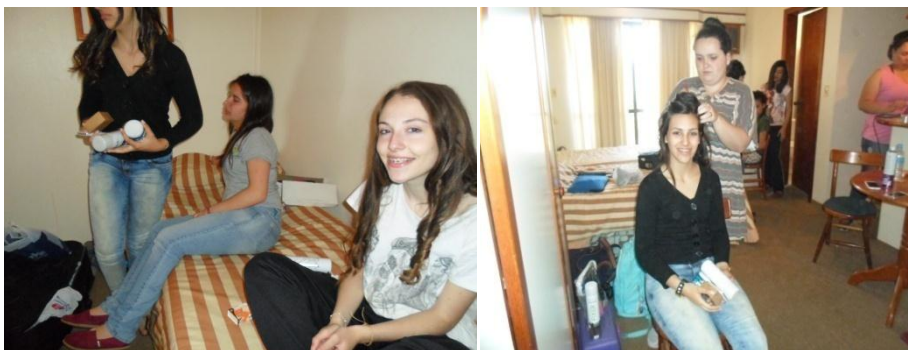
ANAI DO IFSUL Campus Pelotas encontrado em:
Pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?searchword=Atividades+cultura&ordering=&searchphrase=all&itemid=1&option=cmm-search
CÔRTEZ, João Carlos Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa. Manual de danças tradicionalistas. Porto Alegre: 1955.

¹ Professora do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas

² Acadêmica do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas

Trabalho apresentado na 38ª REDITEC (Reunião anual com todos os Diretores e Reitores dos Institutos Federais de Educação Tecnológica do Brasil) quando da participação do IF-SUL Campos Pelotas no evento.

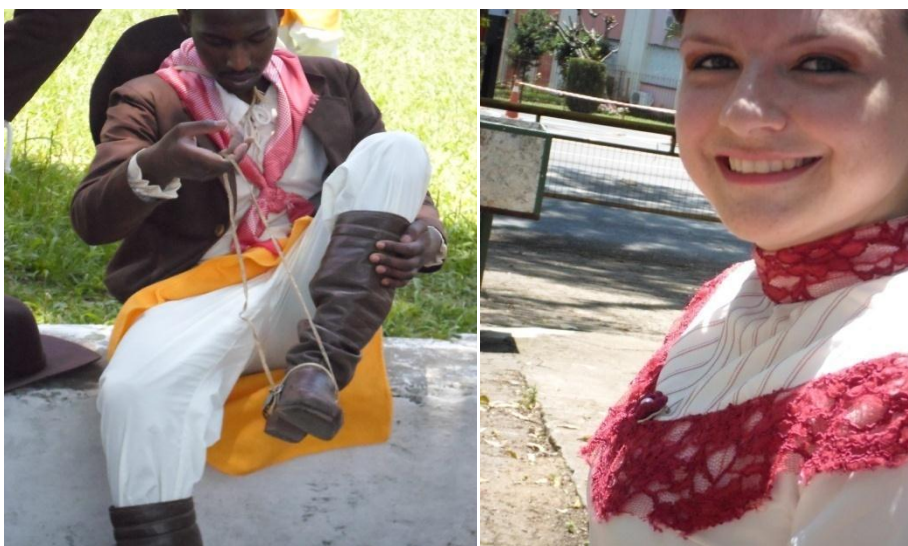
Anexo 5



Fotos 1 e 2



Fotos 3 e 4



Fotos 5 e 6

A primeira e segunda imagens, registram a descontração no momento de fazer os penteados das prendas. Essas dispensam profissionais da área, realizando os penteados umas nas outras. A imagem de nº 3 mostra o cuidado com o figurino, na de nº 4 o pai cuida da carreta que fará parte das coreografias, na nº 5, o peão certifica-se de que a bota está bem amarrada e na nº 6, o sorriso da prenda auxilia na descontração anterior à apresentação.

Nesse momento, os bastidores e os últimos ajustes.



Nada seria possível sem a união que é identidade do CTG Carreiros do Sul, como pode-se verificar nas imagens abaixo relacionadas.



Ensaiai é sinônimo de aprendizado e sucesso. Para tanto, faz necessário que todos saibam, para que o grupo seja homogêneo.





Dançar é o maior motivo de felicidade para todos os integrantes dos grupos do CTG Carreiros do Sul, aprender bem para ensinar também. Os dançarinos da Invernada Adulta se empenham para orientar o aprendizado dos outros integrantes das Invernadas Juvenil, Mirim e Xirú.



A confraternização demonstra o carinho que se fortalece entre todos os integrantes.



Comemoram todos os momentos felizes que possuem e o resultado de tanta dedicação está na premiação. O CTG Carreiros do Sul, foi premiado por levar o maior número de participantes individuais para o ENART.



Anexos: os questionários respondidos